

JORNAL DO COMMERCIO

29 de maio de 1989

POLÍCIA CAÇA FANTASMAS

O projeto de mobilizar policiais em busca dos fantasmas, que parecia suspenso depois da exoneração do general Evilásio Gondim, será retomado agora pelo secretário de Segurança Almeida Filho. Já há uma equipe técnica estudando o projeto e logo sairá um parecer conclusivo. O repórter Kaike Nanne caiu em campo e ouviu o cientista Valter Rosa Borges (ex-materialista, ex-Rosa-Cruz, ex-espírita e agora promotor público). Borges está certo de que é tudo papo furado. "Não há mortos fazendo assombrações, mas pessoas vivas; não tem Satanás nem espírito querendo se comunicar". Mas que a polícia vai trabalhar no tema, vai. (Última Página)

Gasparzinho, Pluft e toda raça de fantasmilhas estão com os dias contados. Agora, até os tiras estão de olho neles.

Kaíke Nanne

Não consta que o general Evilásio Gondim costumasse caçar fantasmas. É certo, porém, que seu interesse por "assombrações" superava os limites da mera curiosidade. Preocupado como deveria proceder a Polícia Civil caso um maldoso fantasmilha fosse pego e autuado em flagrante delito — o que seria, ao mesmo tempo, uma complicada questão para a Justiça — o então secretário da Segurança Pública resolveu tomar sérias medidas. Da sala 8 X 8 no segundo andar da SSP, que ocupou de março de 87 a janeiro deste ano, Gondim expediu circular às delegacias, determinando que "todos os casos de assombrações, fantasmas ou coisas semelhantes, fossem investigados por especialistas".

Nem tão distante assim do tempo da "caça às bruxas", o general resolveu instituir a caça aos fantasmas, a partir de um projeto elaborado pelo Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiológicas, o IPPP. "Os policiais simplesmente não sabiam o que fazer quando chegavam numa casa e viam garrafas voando e se espatifando na parede ou cadeiras se mexendo sozinhas...", revela a doutora Olga Câmara, assessora de ensino da Academia de Polícia Civil, que analisou o projeto do IPPP e o apresentou ao general Gondim.

A proposta de capacitar agentes de polícia a exterminarem com os mal assombros, deixou entusiasmado o general. Pouco tempo depois, a equipe do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiológicas dava palestras a delegados, peritos e agentes, explicando que o "capiroto" não sairia dos seus cuidados, no Inferno, para atormentar ninguém por aqui. Os parapsicólogos, então, contraindicaram a prática a que os policiais habitualmente recorriam: a recomendação de que pessoas envolvidas no caso procurassem um centro espírita ou um terreiro de umbanda.

Ficou estabelecido qualquer fantasma/arruaceiro seria notificado às delegacias de plantão que, por sua vez, acionariam Os Caça-fantasmas. Policiais treinados tomariam as providências imediatas - "os primeiros socorros" - até que os especialistas do IPPP chegassem.

O Projeto de Investigação e Treinamento em Parapsicologia nas Atividades de Polícia previa, ainda, a realização de uma bateria de testes com agentes, buscando identificar aqueles que tivessem aptidões paranormais. Esses indivíduos seriam preparados para utilizarem seus recursos parapsicológicos na investigação alternativa de crimes misteriosos e na localização do paradeiro de pessoas desaparecidas.

"Fenômenos paranormais como a Psicometria — que é a capacidade, de, apenas, tocando um objeto, fornecer detalhes sobre a pessoa que o possui - ou a precognição - habilidade para prever acontecimentos — seriam ferramentas a mais nas investigações, quando utilizados por

policiais treinados", explica o presidente do IPPP, o parapsicólogo Valter da Rosa Borges, 55. "Os serviços secretos dos Estados Unidos e da União Soviética, a Cia e a KGB, já há muito tempo recrutam paranormais para utilizarem suas habilidades a serviço da espionagem internacional. No Brasil, nosso projeto — que propunha um convênio com a Secretaria da Segurança Pública - é pioneiro", orgulha-se Borges, para logo depois lamentar o fato de o projeto encontrar-se, atualmente, empoeirado em algum armário da SSP.

Borges revelou que o general Gondim teve que superar muitos entraves, dentro do Governo, para dar o pontapé inicial do que seria, posteriormente, um convênio entre a instituição científica e a Secretaria. O Instituto iria entrar com os recursos técnicos e o Governo com as despesas operacionais. O entusiasmo era tanto, que até a assessora de ensino da Academia de Polícia, Olga Câmara, ingressou no curso de pós-graduação em parapsicologia ministrado pelo IPPP. "Mas aí o general Gondim foi exonerado do cargo e o projeto estancou", lembra Borges. Entretanto, sem usar de precognição, é possível prever a breve concretização do projeto Caça-fantasmas e Investigações Parapsicológicas. É que o atual secretário da Segurança Pública, o deputado Almeida Filho, mostra-se tão interessado quanto o general Gondim: "Nós já temos uma equipe técnica que está estudando o projeto e deverá emitir parecer tão logo conclua as avaliações", disse Almeida Filho, que pode vir a ser mais um caça-fantasma.

Noções de como assustar um mal assombro

Ex-materialista, ex-rosa-cruz, ex-espírita, ele agora é apenas cientista. Com 35 anos de batente, o parapsicólogo Valter Rodrigues da Rosa Borges, 55, é também promotor de Justiça, professor de Direito Civil da Universidade Católica de Pernambuco e presidente do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas (Rua da Concórdia, 372, salas 46 e 47). Além de tudo, é um caçador de fantasmas convicto de que "são pessoas vivas que fazem assombrações, morto não faz assombração nenhuma".

"Todo fenômeno paranormal é produzido pela mente humana. Não tem Satanás, nem tem espírito querendo se comunicar", garante Borges, que frequentemente recebe críticas de outras correntes da parapsicologia. "Acusam-me de cientificista, porque eu defendo que o agente causal de todo e qualquer fenômeno paranormal é sempre um homem vivo, nunca um defunto. Acredito na vida após a morte, mas não se pode misturar fé com investigação científica".

Existem parapsicólogos adeptos do espiritismo que creem no chamado agente teta - a ação de espíritos que habitam outra dimensão, interferindo no cotidiano do ser vivo. Esses, olham de viés para o doutor Borges.

Fantasma x Tiras

Mas foi assim, com experiência puramente científica, que Borges conseguiu vencer muitos fantasmilhas. Um caso que teve repercussão nacional foi o do Edifício Paris. O prédio fica na Avenida Cruz Cabugá, em Santo Amaro. No natal de 1985, garrafas e vidros vazios começaram a voar pelo apartamento 301, espatifando-se nas paredes e no chão. O padre Guedes, da Igreja da Piedade, foi convidado pela família para benzer o local. E lá foi o padre, rezou, rezou, benzeu, benzeu, disse que era o Diabo quem estava agindo, se foi, e o "Diabo", mau-caráter que é, continuou atirando garrafas no ar.

Depois foi a vez de uma mãe-de-santo. Chegou na portaria do edifício, disse que tinham feito um despacho, e que poderia fazer outro para neutralizar o que provocava o mal. Cobrava pelos serviços a importância de 1.500 cruzeiros. Esta não passou da portaria, já que a família de "dona Toinha" - assim era conhecida a proprietária do 301, uma senhora de 73 anos - era toda católica.

Todas as aprontações do "diabinho" eram observadas pelos policiais, que haviam sido chamados ao local desde o início do quebra-quebra e adotaram a postura de mero espectadores.

Quem apresentou o último recurso foi Léa Correia, então presidente do Sindicato dos Médicos, que também morava no Paris. Ela sugeriu que o doutor Borges fosse convocado para analisar o fenômeno. A família, já em pânico, nem teria como recusar o auxílio.

Depois de algum tempo de conversa com os moradores do apartamento 301, Borges logo desfez o mistério. A psi-kapa - ação extracorpórea da mente - era causada pela babá de uma das netas de dona Toinha. Com 12 anos e enfrentando sérios conflitos na família, ela passou a morar e trabalhar na "casa adotiva". Quando a criança que era submetida a seus cuidados morreu atropelada na praia de Maria Farinha - cena a qual presenciou - a babá percebeu-se nula enquanto agente naquela sua segunda família.

Os parapsicólogos com tendências ao espiritismo diriam que o espírito da neta de dona Toinha estaria querendo "baixar" e que a babá deveria desenvolver sua provável mediunidade. Borges raciocinou cientificamente: "Tratava-se de um fenômeno de psicocinesia espontânea recorrente, ou seja, a movimentação de objetos através da ação da mente, que acontece involuntariamente e repetidas vezes. Geralmente, quem desenvolve são meninas ou meninos que atravessam a puberdade, quando experimentam profundas transformações fisiológicas. Esse fator aliado a graves traumas emocionais, pode fazer liberar essa energia paranormal".

No caso da babá do 301, o choque emocional fez com que ela deflagrasse o fenômeno. A recomendação de Borges foi elementar. Primeiro, ninguém deveria dizer nada à garota, para que ela não se sentisse culpada e, ao mesmo tempo, assustada - o que poderia provocar a continuação daquele Poltergeist benéfico ("na verdade, era um pedido de socorro e não uma revolta, o que provocaria um fenômeno maléfico"). A segunda recomendação foi que a família submetesse a garota à prática intensiva de esportes, assim ela liberaria suas energias por outros canais. Pronto, estava morta a assombração que, durante vários dias, atormentou os moradores do Edifício Paris e virou manchete de todos os jornais da cidade.

Casos de Poltergeist maléficos, envolvendo púberes, também foram registrados, como o de um garoto que desenvolvia parapirogenia. Aonde quer que fosse, algum objeto incendiava-se. Em Bonito, uma mocinha, involuntariamente, fazia objetos dispararem ao ar. "O delegado via os tijolos sendo atirados pro céu e ficava morrendo de medo", recorda Borges, que também resolveu o caso. Eis um caçador de fantasmas que assusta qualquer mal assombro.



Borges mostra metais que foram entortados por um paranormal